PERIÓDICOS

AGROANALYSIS

VOL. 7 – Nº 7 JULHO DE 1983

IMPRESSO

FGV-ESCOLA ADM EMPRESAS SP
BIBLIOTECA KARL BOEDECKER
AV 9 DE JULHO 2029 10.AND
01313 SAO PAULO SP

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
E
BANCO NACIONAL DE CRÉDITO COOPERATIVO

BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
Escola de Administração de Empresas de São Paulo

NOTA DA EDIÇÃO

SUMÁRIO

Comentários

Açúcar 2

Avicultura 6

Cacau 7

Café 9

Carne Bovina 12

Soja 13

Suco Cítrico 17

Panorama Agropecuário

Preços no Mercado Externo . . 21

Preços no Mercado Interno . . 23

Preços Relativos 25

O número anterior de **Agroanalysis** *dedicou-se à atualização das informações referentes à frustração das safras de verão e à tentativa de avaliação do impacto do desfalque na oferta sobre o abastecimento doméstico.*

Infelizmente para o país, o clima continuou hostil, com a Região Sul atingida por uma verdadeira catástrofe ecológica. As causas da calamidade estão sendo estudadas, supondo-se que se tenha originado no Pacífico Sul, magnificando-se na passagem das correntes aéreas por regiões recentemente desflorestadas e, por vezes, ocupadas por extensos reservatórios artificiais, para cuja construção não se terão avaliado as futuras repercussões climáticas.

Ainda não podem ser estimados, porém, os reflexos de um evento de tal porte sobre a economia regional e sua contribuição para o agravamento da crise atravessada pelo país. Lavouras em fim de colheita foram arrastadas pelo turbilhão, produtos há pouco estocados se perderam e os danos à infra-estrutura assumem proporções tais que, por longo tempo, far-se-ão sentir. De imediato, porém, além do dispêndio dos recursos necessários ao socorro às populações e à reconstrução do essencial à sobrevivência, pode-se prever uma pressão substancialmente maior dos preços dos gêneros alimentícios sobre os índices inflacionários.

A preocupação com estes problemas não deve limitar-se, no entanto, a um horizonte de curtíssimo prazo, uma vez que já se aproxima o período em que os agricultores farão seus cálculos para o plantio da safra 1983/84. Com efeito, espera-se que os Valores Básicos de Custeio, recém-fixados em níveis superiores ao da taxa de inflação (em média 135%) para os produtos mais atingidos pelos reveses climáticos, possam atenuar a influência negativa das novas normas de financiamento rural, por ocasião da próxima semeadura, melhorando as perspectivas do abastecimento, em 1984.

Apesar destas novas dificuldades ocorrerem numa fase pródiga em problemas de toda ordem, a agricultura deverá ainda contribuir de modo positivo para a almejada recuperação da economia, através de sua participação nas exportações brasileiras.

Na presente edição de **Agroanalysis**, *procurou-se avaliar o comportamento dos principais produtos agrícolas brasileiros de exportação no mercado internacional, com vistas à visualização do papel do setor primário no fechamento das contas externas. Ao que tudo indica, a agricultura continuará mantendo sua participação, malgrado todos os percalços enfrentados pela economia do país, no corrente ano.*

COMENTÁRIOS

AÇÚCAR

Talvez uma receita até 30% maior do que a do ano passado

A recente elevação das cotações do açúcar, no mercado internacional, foi provocada por um conjunto de acontecimentos fortuitos — em sua maioria de natureza climática — que continuam afetando alguns dos grandes produtores. Estes fatores foram reforçados por indícios de esgotamento do atual ciclo baixista, com as intenções, já anunciadas por certos países, de redução do plantio, bem como pelo registro de pequena elevação do consumo. Fica patente, porém, que a causa principal da recuperação dos preços nos últimos meses localiza-se na quebra inesperada das safras em Cuba, na Comunidade Econômica Européia, Austrália e África do Sul.

A produção cubana poderá ficar comprometida entre 1 e 2 milhões de toneladas, do total de 8,2 milhões de toneladas inicialmente projetado para a safra de 1982/83, conforme informações do governo cubano. As chuvas torrenciais que paralisaram a colheita, nos meses de fevereiro e março, fizeram com que o corte da cana se estendesse após o final de abril, quando a safra deveria encerrar-se. Assim, com o retardamento da safra, a produtividade obtida ficou bastante abaixo dos níveis médios do país. Como decorrência da quebra da safra cubana, a URSS, sua principal cliente, vem assumindo uma posição mais constante, como compradora no mercado livre. Com isto, busca assegurar a disponibilidade de Cuba para o cumprimento de seus contratos de entrega com outros países importadores.

As notícias sobre as dificuldades enfrentadas pela safra da CEE não têm sido menos relevantes em seus efeitos sobre o mercado, do que aquelas que atingem a safra cubana. O mau tempo, que prevaleceu durante o período de semeadura da beterraba para a safra 1983/84 e a redução do plantio, de acordo com as diretrizes fixadas pela Comunidade, como forma de conter a superprodução, aparecem como os principais determinantes da

QUADRO 1

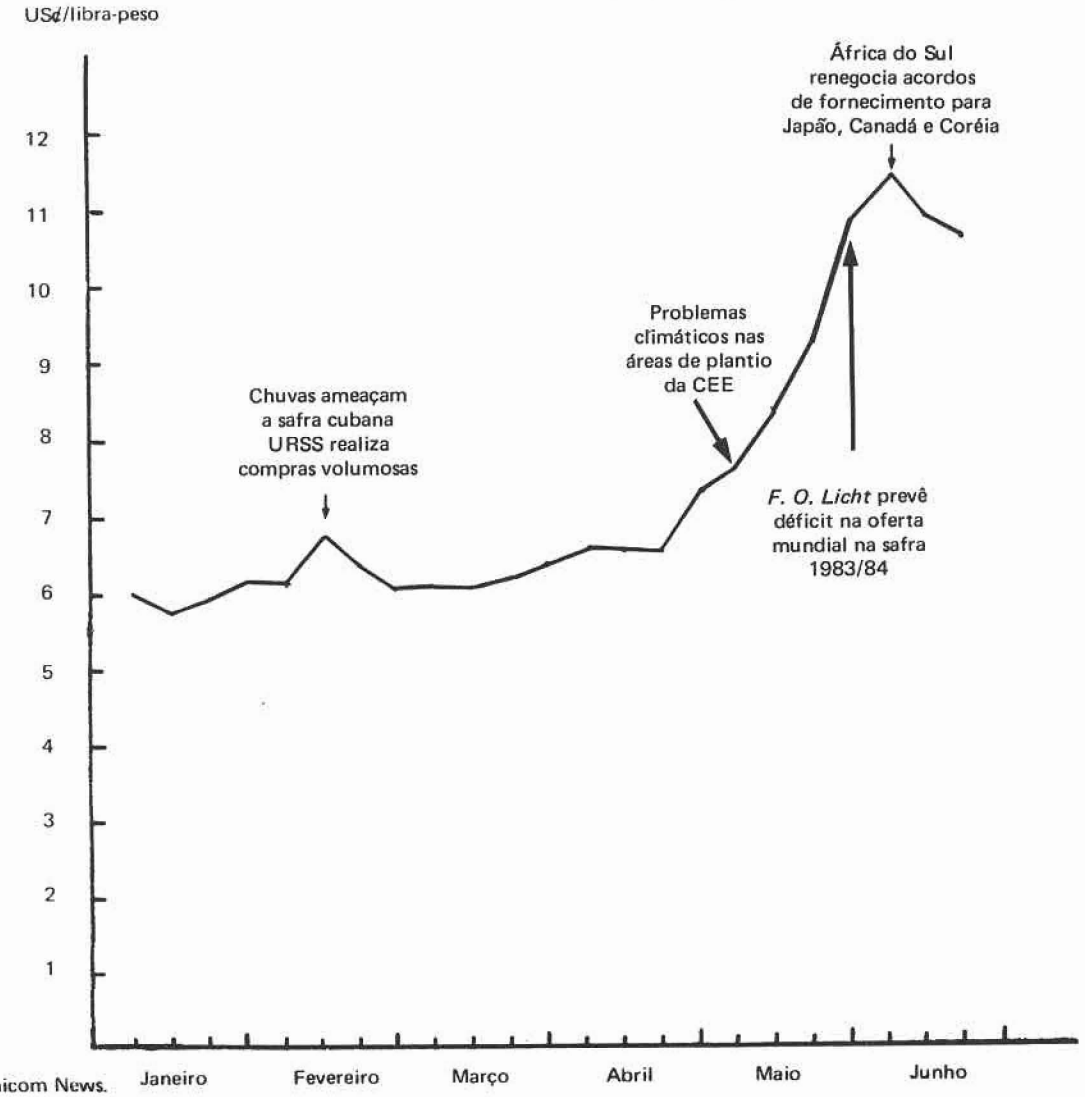
AÇÚCAR — Preços no Mercado de Futuros — Contrato Nº 11 — Bolsa de Nova Iorque — Maio de 1982 e Maio de 1983 — US¢/lb-peso

Mês de Entrega	Maio de 1982 (A)	Maio de 1983 (B)	B/A
Julho	8,39	9,93	1,18
Setembro	8,66	10,30	1,19
Outubro	8,85	10,53	1,19
Janeiro	9,22	11,14	1,21
Março	9,88	11,54	1,17
Maio	10,13	11,23	1,11

FONTE: Unicom News.

GRÁFICO 1

AÇÚCAR: Cotações na Bolsa de Nova Iorque — Tipo Demerara — Mercado Disponível — Janeiro a Junho de 1983 (US¢/libra-peso



FONTE: Unicom News.

sensível redução da safra para a próxima temporada. Fontes oficiais da Comunidade estimam que a área plantada de beterraba, no presente ano, deverá ser de 1,635 milhão de hectares, comparada com 1,85 milhão de hectares do ano anterior. A produção de açúcar (tipo branco), por seu turno, deverá ser reduzida para 10,7 milhões de toneladas, contra o total de 13,9 milhões de toneladas obtidas no período 1982/83.

Os problemas enfrentados pela Austrália e África do Sul, em virtude da seca que atinge toda a região do Pacífico Sul, também contribuíram de forma ponderável para a excitação do mercado e a conseqüente alta dos preços. A África do Sul viu-se, inclusive, impossibilitada de cumprir seus compromissos de exportação, anteriormente assumidos, com o Japão, Canadá e Coréia do Sul.

O Gráfico 1 estabelece a relação entre as flutuações dos preços na Bolsa de Nova Iorque e os principais acontecimentos que atingiram o mercado nos últimos seis meses. Torna-se nítido o efeito sobre os preços dos fatores anteriormente assinalados, muito embora as primeiras estimativas sobre a safra 1983/84, divulgadas a partir de maio, também tenham contribuído para a recuperação das cotações.

Diante desta configuração, prevalece a expectativa quanto à manutenção da atual tendência de elevação dos preços. A análise do desempenho dos preços no mercado de futuros funciona, a princípio, como uma indicação adequada da tendência para os próximos meses. O Quadro 1 compara os preços do açúcar no mercado de futuros registrados no mês de maio do ano passado e no presente ano. De início, observa-se que as

QUADRO 2

AÇÚCAR – Preços no Mercado de Futuros (Contrato Nº 11) – Bolsa de Nova Iorque em Maio de 1982 e Preços no Disponível (Tipo Demerara) na Bolsa de Nova Iorque – Julho de 1982 a Maio de 1983 – USd/lb-peso

Mês de Entrega	Preços Futuros em Maio de 1982 (A)	Previsão Disponível (B)	Nível de Erro A/B (%)
1982			
Julho	8,39	7,86	6,7
Setembro	8,66	5,90	46,8
Outubro	8,85	5,88	50,5
1983			
Janeiro	9,22	5,96	54,7
Março	9,88	6,14	60,9
Maio	10,13	9,27	9,3

FONTE: Unicom News.

cotações no mercado futuro em maio de 1983 apontam para uma tendência discreta de alta dos preços, ou seja, que estes ficariam entre US¢ 10 e US¢ 11/lb-peso no segundo semestre. A comparação dos itens A e B do Quadro 1 demonstra uma elevação no patamar dos preços, no espaço de um ano, em torno de 20%, até o mês de entrega de janeiro. Contudo, esta relação decresce a partir dos contratos de entrega para os meses de março de 1982 e 1983.

Se o mercado de futuros pode servir como um bom indicador para algumas *commodities*, no caso do açúcar, sua capacidade de previsão deve ser relativizada. Na medida em que o mercado do açúcar está sujeito a uma forte influência especulativa, as cotações para entregas futuras, via de regra, acabam por ficar bastante distantes do nível real dos preços no momento da entrega. O Quadro 2 comprova esta afirmação, ao confrontar as cotações dos preços futuros em maio de 1982 e os preços no disponível dos meses correspondentes. Observa-se uma superestimação dos preços futuros, que não se confirmaram nos meses subseqüentes a maio de 1982. O nível de erro chegou, mesmo a atingir 60% em março de 1983, somente voltando a um grau mais próximo do real após o movimento altista iniciado em meados de maio deste ano. Entretanto, o atual movimento de ascensão dos preços deverá se sustentar, quer pelas quebras de safras, já ocorridas, quer pelas próprias estimativas divulgadas por *Gill and Duffus* – consumo mundial levemente superior à produção – e *F. O. Licht* – déficit na oferta mundial em torno de 1 milhão de toneladas. Por outro lado, a expectativa de que as conversações acerca de um novo Acordo Internacional do Açúcar, com a inclusão da CEE, cheguem a bom termo no final do ano, contribui como mais um fator de elevação dos preços.

Neste contexto, aguarda-se que as exportações brasileiras de açúcar, ainda no presente ano, apresentem um melhor desempenho do que aquele registrado no ano passado. Em face dos baixos preços que prevaleceram até o final do primeiro trimestre, as exportações do período entre janeiro e maio ainda expressam um resultado medíocre. Embora a quantidade de açúcar embarcada nos cinco primeiros meses deste ano tenha sido aproximadamente 40% superior àquela exportada em igual período de 1982, o total arrecadado ficou em torno de 20% abaixo do valor registrado no ano passado. Vale ressaltar que o preço médio obtido, no atual

QUADRO 3

AÇÚCAR – Exportações Brasileiras – Janeiro a Maio de 1982/83

Discriminação	US$ 1.000 (FOB)		Tonelada		Preço Médio (US$/t)	
	1983	1982	1983	1982	1983	1982
Demerara	99.434	81.845	596.029	285.794	166,83	286,38
Cristal	14.860	25.396	88.876	99.725	167,20	254,66
Refinado	54.113	94.454	283.635	315.007	190,78	299,85
	168.407	201.695				

FONTE: Cacex.

período, foi de US$ 174/tonelada, o que revela uma elevada gravosidade das exportações, na medida em que o custo de produção está estimado em US$ 330/tonelada.

No entanto, o país ainda deverá exportar em 1983 quase 1,7 milhão de toneladas, para que complete sua quota de 2,8 milhões de toneladas, fixada pelo A.I.A. Considerando-se que o açúcar vem sendo cotado em US$ 240/tonelada, torna-se possível prever que os resultados para os próximos meses irão melhorar significativamente. Caso o preço médio fique em US$ 260/tonelada, o total arrecadado com as vendas de açúcar em 1983 será de US$ 610 milhões. Na hipótese de que os preços acelerem sua escalada altista, obtendo o Brasil, de junho até o final do ano, um preço médio de exportação de US$ 330/tonelada, o total de divisas faturado com as vendas do complexo açúcar seria de US$ 730 milhões, ou seja, um resultado 30% superior ao total arrecadado no ano passado. Qualquer previsão sobre as exportações brasileiras em 1983 fica, assim, na dependência da confirmação da tendência crescente dos preços nos próximos meses e conseqüente elevação do preço médio de exportação.

AVICULTURA

A alta dos preços do milho poderá prejudicar a expansão das exportações

Segundo levantamento realizado pela Associação Brasileira de Exportadores de Frangos — ABEF — de janeiro a maio do presente ano exportaram-se 131.885 t de frangos congelados, ao preço médio de US$ 829/t FOB. Estes números representam, em comparação com igual período de 1982, um ganho de 2,3% no volume e um decréscimo de 36,5% no valor total.

De fato, à exceção do mês de janeiro, quando exportou-se menos 21% do que em igual mês de 1982, o volume mensal embarcado de frangos congelados, no corrente ano, vem apresentando aumentos. Em outras palavras, os exportadores brasileiros vêm conseguindo adequar-se aos baixos preços oferecidos pelo mercado, mantendo o propósito de venda ao exterior de 20% da produção nacional de carne de frango (1,6 milhão de t), em que pesem os reflexos negativos que as alterações da Resolução 674 tiveram sobre o setor exportador (ver **Agroanalysis**, vol. 7, nº 3).

A abertura de novos mercados, imprescindível neste contexto, justifica o fato de, por exemplo, no primeiro trimestre deste ano, o Egito ter absorvido 6,5% do volume total exportado pelo Brasil, em contraste com uma participação de apenas 0,4%, em igual período de 1982.

A extrapolação para o ano todo, a partir do volume vendido de janeiro a maio, sugere que a venda ao exterior, em 1983, venha a ser da ordem de 317 mil t, ou seja, 5,7% a mais do que a meta fixada pela ABEF para este ano. Caso este número se concretize, terá ocorrido um crescimento de 7,3% em comparação com o volume exportado em 1982, o mesmo ganho pretendido pela França. Supondo-se que o preço médio por tonelada, conseguido nos primeiros cinco meses, mantenha-se inalterado, o país estaria a caminho de conseguir US$. . . . 263 milhões com as vendas de aves congeladas, neste ano.

Por outro lado, o aperto no fornecimento de milho e a conseqüente alta de preços prevista para este ano fazem crer que o poder de concorrência do produto brasileiro seja prejudicado no mercado internacional. A este respeito, vale lembrar que a chamada "guerra de preços" junto aos países importadores, continua acirrada, com a França chegando a oferecer a ave a US$ 780/t FOB, enquanto que o preço do nosso produto, desde a maxidesvalorização do cruzeiro, vem-se situando em torno de US$ 825/t FOB.

Até o final do ano, no entanto, o panorama do comércio internacional de aves congeladas poderá apresentar melhoras. Isto porque cálculos preliminares do USDA revelam que o aumento do consumo mundial de aves, em 1983, deverá preencher a lacuna do consumo de carnes

vermelhas. Assim, para este ano, aquele órgão prevê uma queda de 234 mil t no consumo global de carnes vermelhas e um aumento de 625 mil t no consumo de carne de aves.

CACAU

A recuperação do mercado internacional interromperá a tendência baixista

As exportações brasileiras de cacau renderam, em 1982, cerca de US$ 427 milhões, contra US$ 613 milhões no ano anterior, conforme informação da Cacex. Na verdade, a receita cambial correspondente às exportações de amêndoas e de derivados de cacau vem declinando desde 1979, quando foi arrecadado o valor recorde de US$ 952 milhões. Fundamentalmente, o declínio continuado da receita decorreu do acúmulo de excedentes da produção mundial durante cinco anos sucessivos. Neste período, o estoque mundial de cacau cresceu de 277 mil t, em 1976/77, para 674 mil em 1981/82. A despeito das inúmeras dúvidas que, aqui e ali, são levantadas sobre a qualidade do cacau estocado e, até mesmo, sobre a real existência de um volume tão grande em estoque, as cotações mundiais declinaram desde 1977, impulsionadas, também, pelo arrefecimento da taxa de expansão do consumo e pelas dificuldades dos países produtores para disciplinarem o fluxo da oferta internacional.

Em 1983, finalmente, esta conjuntura baixista deverá ser interrompida, ao menos por um ano. A colheita mundial de 1982/83 foi prejudicada por problemas climáticos na África e, em menor escala, na Bahia. Da previsão inicial de um pequeno superávit de produção, evoluiu-se para o cálculo de um déficit entre 60 e 80 mil t. Além disso, a situação política instável em alguns países africanos, principalmente Gana, ameaça a continuidade do fluxo normal da oferta, na presente estação. Em conseqüência, as cotações internacionais apresentam sinais de recuperação desde meados de 1982, o que é ilustrado pelo Quadro 1.

A este respeito, é interessante observar, também, o Quadro 2, que apresenta as cotações médias dos contratos futuros negociados na Bolsa de Nova Iorque, nos meses de junho de 1982 e julho de 1983. Note-se que, em junho do ano passado, o mercado prenunciava o processo de recupera-

QUADRO 1

CACAU EM AMÊNDOAS – Médias Mensais do Primeiro Futuro na Bolsa de Nova Iorque – Janeiro a Junho – US$/t

	1982	1983
Janeiro	2.101	1.678
Fevereiro	1.942	1.815
Março	1.897	1.757
Abril	1.647	1.761
Maio	1.647	1.863
Junho	1.407	2.148
Julho	1.402	
Agosto	1.388	
Setembro	1.472	
Outubro	1.491	
Novembro	1.355	
Dezembro	1.406	

FONTE: Unicom News.

COMENTÁRIOS

QUADRO 2

CACAU EM AMÊNDOAS – Média Mensal dos Futuros Cotados em Junho de 1982 e Junho de 1983 na Bolsa de Nova Iorque – US$/t

Meses	Futuros					
	Julho	Setembro	Dezembro	Março	Maio	Julho
Junho/82	1.407	1.454	1.519	1.583	1.630	1.670
Spread t+1/t	–	3,3	4,5	4,2	3,0	2,5
Junho/83	2.153	2.203	2.238	2.259	2.274	2.292
Spread t+1/t	–	2,3	1,6	0,9	0,7	0,8

FONTE: Unicom News.

QUADRO 3

BRASIL – Exportações de Cacau e Derivados – 1982 e 1983

	Janeiro/Maio-1983			Janeiro/Maio-1982			1982		
	Quantidade (t)	Valor US$ Mil	Preço Médio US$/t	Quantidade (t)	Valor US$ Mil	Preço Médio US$/t	Quantidade (t)	Valor US$ Mil	Preço Médio US$/t
Amêndoas	31.537	50.848	1.612,23	28.678	53.440	1.863,45	143.462	215.978	1.505,47
Manteiga	11.531	42.132	3.653,80	8.132	37.726	4.639,20	30.454	120.383	3.952,95
Liquor	18.104	36.333	2.006,90	14.796	37.970	2.565,23	36.544	79.646	2.179,45
Em Massa	8.296	3.872	466,73	8.856	4.533	511,86	25.844	10.886	421,22
Total dos derivados(*)	53.283	82.337	1.545,28	40.112	80.229	2.200,12	126.638	210.915	1.665,50
Total Geral(*)	84.820	133.185	1.570,21	68.790	133.669	1.943,15	270.100	426.893	1.580,50

FONTE: Cacex.
(*) Totais calculados em equivalente-amêndoas.

ção que se seguiu, o que era evidenciado por *spreads* (relação percentual entre a cotação de um contrato futuro e seu anterior) relativamente altos. Em junho de 1983 os *spreads* são muito menores, indicando que o mercado prevê cotações relativamente estáveis para os próximos doze meses, porém em patamares bastante superiores aos de há um ano.

Apesar de o processo de recuperação de preços vigorar já há alguns meses, os resultados das exportações brasileiras de cacau, no período de janeiro a maio, não são excepcionais, como se poderia desejar. Na verdade, a receita cambial ainda é levemente menor do que o ingresso de divisas acumulado nos cinco primeiros meses de 1982, (ver Quadro 3) apesar do expressivo aumento das quantidades vendidas (+23%). Este fato decorre da própria sistemática de comercialização do cacau brasileiro, que termina por fixar o preço de venda ao exterior com três a seis meses de antecedência. Como resultado, os preços das exportações dos primeiros cinco meses de 1982 foram acertados numa fase em que as cotações declinavam, continuadamente, porém estavam, ainda, em patamares superiores aos do início de 1983 (ver Quadro 1). Por sua vez, boa parte das vendas dos primeiros meses de 1983 foi realizada aos preços vigentes no início do ano, quando o processo de recuperação das cotações não havia, ainda, atingido sua fase mais acentuada.

É provável, portanto, que os resultados cambiais das exportações de cacau de 1983 somente ultrapassem os do ano anterior, a partir da mudança do semestre. É provável, ainda, que o resultado de 1983 supere o de 1982 em aproximadamente 20% a 30%, supondo que a colheita do temporão da Bahia situe-se, como hoje prevista, entre 2,8 e 3 milhões de sacas e que os preços do mercado externo (*spot*) durante os próximos meses venham a ser semelhantes aos que são hoje praticados no mercado futuro. Por último, vale assinalar que o comportamento dos preços externos do cacau, durante os próximos meses, depende, crucialmente, das primeiras informações acerca do desenvolvimento da safra africana de 1983/84, cujo levantamento e divulgação deverão iniciar-se no final de julho ou início de agosto.

CAFÉ

O cumprimento das metas do IBC está cada vez mais próximo

O desempenho das exportações brasileiras de café, até junho último, superou a *performance* do primeiro semestre de 1982. Nos primeiros seis meses de 1983, foram embarcadas 8,375 milhões de sacas de 60 quilogramas, contra 8,27 milhões de sacas no mesmo período do ano passado. A receita cambial obtida também cresceu um pouco: em 1983 foi arrecadado US$ 1,097 bilhão, ou seja, 7,5% a mais do que no ano anterior, como pode ser verificado no (Quadro 1).

O resultados do primeiro semestre, se projetados para os seis últimos anos, viabilizam as metas estabelecidas para 1983. Segundo o IBC, o Brasil deverá exportar, durante o ano, entre 16 e 17 milhões de sacas, que renderiam de US$ 2,1 a US$ 2,2 bilhões.

É interessante notar que, em 1983, enquanto as médias das cotações mensais do primeiro futuro da bolsa de Nova Iorque declinaram, em comparação com as do primeiro semestre de 1982, o preço médio mensal das exportações de café do Brasil apresentou um movimento em sentido inverso (Quadros 1 e 2). Durante os primeiros seis meses de 1982, a média dos primeiros futuros cotados em Nova Iorque foi de US$ 189,82/sc, enquanto o preço médio das exportações não ultrapassou os US$ 123,56/sc. Em 1983, a diferença entre estes dois valores reduziu-se significativamente. A média dos primeiros futuros ficou em US$ 166,05/saca (-13%), enquanto o valor médio das exportações brasileiras situou-se em US$ 132,16/sc (+ 7%).

Estes números, na verdade, não são perfeitamente comparáveis, pois referem-se a produtos de qualidades diferentes. As cotações da bolsa de Nova Iorque dizem respeito aos cafés centro-americanos, relativamente mais valorizados, no mercado internacional, do que os cafés exportados pelo Brasil. Além disso, o preço médio das exportações brasileiras engloba a venda de cafés arábicas, *canillon* e solúvel e,

QUADRO 1

BRASIL — Evolução das Exportações Mensais de Café Verde e Café Solúvel[1], em 1982 e 1983

	1982			1983		
	Quantidade 1.000 sacas	Valor US$ 1.000	Preço Médio US$/sc	Quantidade 1.000 sacas	Valor US$ 1.000	Preço Médio US$/sc
Janeiro	1.251.233	146.789	117,32	1.262.291	174.904	138,56
Fevereiro	1.450.639	172.772	119,10	1.356.887	190.422	140,34
Março	1.540.253	185.883	120,68	1.521.370	200.630	131,87
Abril	1.430.812	176.840	123,59	1.487.522	180.824	121,56
Maio	1.341.852	172.118	128,27	1.496.892	180.548	120,62
Junho	1.255.521	166.243	132,41	1.250.005*	175.000*	140,00*
Julho	1.211.466	157.519	130,02			
Agosto	1.393.865	171.773	123,23			
Setembro	1.498.436	184.751	123,30			
Outubro	1.443.494	174.523	120,90			
Novembro	1.326.099	167.648	126,42			
Dezembro	1.919.420	232.056	120,90			
Total	17.063.090	2.108.915	123,60			

FONTE: IBC.

* Estimativa preliminar.

[1] Em equivalente — café verde.

também, as exportações para os países não filiados à OIC cujos preços, normalmente, são menores do que aqueles praticados no mercado oficial. De qualquer forma, é importante registrar a valorização relativa dos cafés brasileiros, obtida durante o primeiro semestre de 1983.

Tudo leva a crer que a receita cambial estabelecida para 1983 será atingida. Os preços, melhoraram em comparação com os de 1982; os volumes embarcados (Quadro 1) aumentaram levemente e são remotos, hoje, os fatores que poderiam reverter radicalmente o panorama atual. O Quadro 3 ilustra esta questão. Nele, estão listadas as médias das cotações mensais dos contratos futuros negociados na Bolsa de Nova Iorque nos meses de junho de 1982 e junho de 1983. Observe-se, em primeiro lugar, que o mercado continua a prever cotações

QUADRO 2

CAFÉ — Médias Mensais das Cotações do Primeiro Futuro na Bolsa de Nova Iorque — US$/lb-peso

	1982	1983
Janeiro	185,39	168,98
Fevereiro	203,50	165,75
Março	202,69	163,92
Abril	180,29	163,10
Maio	184,59	168,01
Junho	182,43	166,52
Julho	179,97	
Agosto	173,31	
Setembro	183,73	
Outubro	186,32	
Novembro	181,92	
Dezembro	177,57	

FONTE: Unicom News.

QUADRO 3

CAFÉ — Média dos Futuros Cotados em Junho de 1982 e de 1983 em Nova Iorque — US$/lb-peso

Meses	Futuros						
	Julho	Setembro	Dezembro	Março	Maio	Julho	Setembro
Junho/82	138,04	129,08	123,52	119,17	116,75		
Spread	—	−6,5	−4,3	−3,5	−2,0		
Junho/83	126,00	126,29	125,82	124,22	122,72	120,59	119,25
Spread		+0,2	−0,4	−1,3	−1,2	−1,7	−1,1

FONTE: Unicom News.

declinantes para os próximos meses (mercado invertido) porém em patamares superiores àqueles previstos no ano passado. Exceto a do primeiro futuro, todas as demais valorizaram-se em 1983, se comparados com as médias verificadas em junho de 1982. Além disso, as diferenças percentuais entre cada futuro e seu anterior eram muito menores, em junho último, do que em junho de 1982. Isto significa que, segundo a avaliação do mercado, hoje é relativamente menor a possibilidade de haver uma alteração no comportamento dos preços durante os próximos meses, do que era em junho de 1982.

CARNE BOVINA

Maiores exportações, maior receita, mas com um preço médio menor

Os dados de exportação dos primeiros cinco meses permitem inferir que a contribuição da carne bovina à balança comercial do país será substancial, em 1983. De fato, o montante das vendas externas de carne *in natura* e industrializada, no período de janeiro a maio, atingiu US$ 234,9 milhões, representando um acréscimo de 25,7% em relação à igual período de 1982. Extrapolando para os doze meses, isto significa que o ingresso total de divisas, proveniente da carne bovina exportada, será de US$ 563,7 milhões em 1983, podendo atingir, sem dificuldades, a casa dos US$ 600 milhões, tendo em vista o ritmo das exportações no segundo semestre ser, geralmente, um pouco mais acentuado.

Em termos quantitativos, esse montante de divisas representará a saída de 432 mil t (em equivalente-carcaça) de carne bovina do país, isto é, 110 mil t a mais do que o volume exportado em 1982. O incremento maior será registrado nas vendas de carne *in natura*, que deverão atingir 131 mil t, 38,7% acima das exportações de 1982. A carne industrializada, alcançando um total de 301 mil t (em equivalente-carcaça), representará um aumento mais módico, de 32%. Em termos de valores, o crescimento de 1,3% no preço médio da carne industrializada, até agora obtido, não será suficiente para compensar o efeito negativo do decréscimo de 13,5% registrado no preço médio da carne *in natura*. Como o aumento mais acentuado das exportações tem incidido na carne *in natura*, o preço médio final da carne exportada deverá ser menor do que o do ano passado, significando que o acréscimo de 110 mil t (em equivalente-carcaça) nas exportações, representará um ingresso de US$ 143,3 milhões em divisas, isto é, 42% a menos do que se fosse exportado à cotação média (US$ . . . . 1.360,00/t) do ano passado. Essa queda nos preços médios das vendas do corrente ano pode ser considerada estranha, quando se leva em conta que a diminuição da produção mundial de carne bovina provém precipuamente do declínio registrado nos dois principais países exportadores (Austrália: –20,2% e Argentina: – 4,6%), segundo o USDA. Este fato não passou despercebido das autoridades federais que, já no mês de maio, procuraram intervir na guerra de preços instaurada na disputa de contratos internacionais, limitando o volume das exportações de carne bovina em 300 mil t para o corrente ano. Além disso, estabeleceram uma conexão com o Uruguai e a Argentina, visando o estabelecimento de um preço-piso para as concorrências internacionais de carne bovina, de modo a evitar o aviltamento das cotações finais dos contratos de exportação firmados.

O Rio Grande do Sul é o estado que mais tem expandido as exportações no corrente ano, segundo o Instituto Sul-Riograndense de Carnes. No primeiro quadrimestre, o volume exportado atingiu 34,7 mil t em equivalente-carcaça, representando um acréscimo de 96% em relação a igual período do ano passado. O acréscimo mais acentuado foi registrado na carne industrializada, que saltou de 12,9 mil t (equivalente-carcaça), em 1982, para 25,8 mil t, em 1983. A carne *in natura* alcançou 8,9 mil t, representando um aumento de 81,6% em relação à exportação de igual período do ano passado. O preço médio da carne *in natura*, que foi de US$ . . . . . 2.607,37/t (FOB) no primeiro quadrimestre de 1982, apresentou um declínio de 15,3%, enquanto o preço médio da carne congelada sem osso

caiu 14,4% no primeiro quadrimestre de 1983. Os preços médios da carne industrializada exportada pelo Rio Grande do Sul praticamente permaneceram estáveis nos períodos em confronto.

Quanto ao destino, 80% das exportações gaúchas foram encaminhados para cinco países, tradicionais importadores. Desses países, os EUA caracterizaram-se pelo maior incremento das importações (245,5%), vindo em seguida os Países Baixos (127,7%) e o Reino Unido (113,6%). O Zaire e a Suécia, dentre os países importadores pouco expressivos ou não tradicionais, destacaram-se pelo incremento das importações. O primeiro saltou de 10,7 para 380,5 t, podendo ser considerado um novo mercado aberto; no segundo, o aumento foi de 15,6 t para 212,5 t.

Diante do novo recorde de exportações de carne bovina a ser alcançado no corrente ano, cabe perguntar se a estrutura de produção do país está preparada para manter esse volume de remessas para o exterior, nos próximos anos. A resposta obviamente será negativa, mesmo considerando a possibilidade de aumento do "excedente", como resultado da queda progressiva do poder aquisitivo da população, em decorrência da política de compressão salarial, praticada no país. A justificativa da resposta reside não só nos baixos índices zootécnicos do rebanho mas, também, na grande amplitude do ciclo da pecuária bovina brasileira, que, por sinal, prossegue na fase de abate intenso de matrizes, consolidando a perspectiva de redução da oferta de bois terminados, a partir de 1985. A medida anticíclica (financiamento de retenção de matrizes) tomada no ano passado — e que no corrente ano deveria ser revigorada — não foi suficiente para reverter o processo de liquidação do rebanho iniciado nos últimos meses de 1981 e que se prolonga até hoje. Tampouco a alta do boi gordo, havida nos meses de março e abril, alcançou o mesmo objetivo, como comprovam os dados publicados no número anterior de **Agroanalysis**. Desse modo, tudo indica que a participação brasileira no mercado internacional deverá refletir a oscilação cíclica da produção da carne bovina, retirando-se praticamente do mercado internacional, em 1985, à semelhança do ocorrido em 1979, quando foi um importador líquido.

Diante da perspectiva de queda da produção do país, ditada pelo ciclo pecuário, o "excedente" exportável nos anos próximos, se porventura houver, advirá de um sacrifício maior do consumo interno, cujos níveis atuais já são extremamente baixos. Neste sentido, fazem-se imperativas não só medidas que amenizem a amplitude cíclica da pecuária bovina mas, também, que retomem o ritmo de crescimento da avicultura e da suinocultura, de modo a evitar a redução da oferta interna de proteínas de origem animal nos próximos anos.

SOJA

Caso ocorram problemas na safra dos EUA, ou erosão do dólar norte-americano, as cotações se recuperarão

O encerramento de uma colheita de soja da ordem de 14,7 milhões de t, num contexto de grave escassez de divisas, remete imediatamente à indagação quanto à contribuição do complexo para a receita cambial, em 1983. Em termos de quantidade, as disponibilidades serão maiores este ano, apesar da quebra de safra provocada pelas recentes chuvas, pois a última safra foi de apenas 12,8 milhões de t. As exportações acumuladas entre janeiro e maio, por sua vez, aumentaram significativamente em relação às de igual período do ano anterior (ver Quadro 1). Ainda nesse quadro, verifica-se que as vendas externas deram um salto no mês de maio. Segundo a Cacex, entre janeiro e abril foram exportadas 198 mil t de grão e num único mês — maio — teriam sido vendidas 411 mil t, compondo o total de 609 mil t. O crescimento das vendas de farelo e óleo também foi muito grande no último mês, perfazendo respectivamente 1 milhão e 161 mil t. Esses dados representam volumes recordes de exportações mensais, à exceção das de farelo, que ainda não superaram as 1,014 milhão de t, de agosto de 1981.

Vendas expressivas são fatos corriqueiros entre abril e julho de cada ano, conforme se observa no

Gráfico 1. A maxidesvalorização do cruzeiro, no entanto, deve ter desempenhado um papel decisivo na obtenção daqueles resultados, sobretudo após a redução do Imposto de Exportação, em meados de março. Essa influência, à primeira vista, parecia mais previsível no caso do farelo e do óleo, em cujos mercados o Brasil coloca a maior parte de seus excedentes exportáveis.

É possível especular que o aumento dos ganhos líquidos em cruzeiros tenha não só melhorado a competitividade mas, também, permitido a recuperação de antigos espaços no comércio internacional, como é o caso do mercado de grãos, onde o país tem tido uma participação declinante. Essa competitividade torna-se cada vez mais necessária, num mercado internacional cuja demanda vem apresentando um crescimento inexpressivo nessa temporada. Com efeito, a moagem e as exportações norte-americanas, brasileiras, argentinas e paraguaias cresceram 1% entre outubro e meados de junho. No ano comercial 1982/83, que findará em setembro próximo, a oferta global de soja, por sua vez, aumentou em 7%.

Esse balanço de oferta e demanda, por seu lado, torna pouco animadoras as perspectivas dos preços internacionais da soja e seus derivados para os próximos meses. Até porque, a principal razão que vem levando a demanda a se comportar de forma decepcionante se mantém: o dólar forte frente às moedas dos outros países representa preços elevados de *commodities* para os compradores, principalmente europeus e japoneses.

A não ser que haja uma sensível mudança na relação entre a moeda norte-americana e as demais, uma recuperação das economias européias ou, finalmente, graves problemas na safra dos EUA, ora em desenvolvimento, não é possível prever melhoras substanciais nos preços.

Acrescenta-se a esse cenário o fato de que o estoque final desta safra também aumentará, passando de 14,3 milhões de t em setembro de 1982, para 19,4 milhões de t em 1983. Além disso, a redução da área nos EUA será provavelmente menor do que o estimado a princípio. Os atra-

QUADRO 1

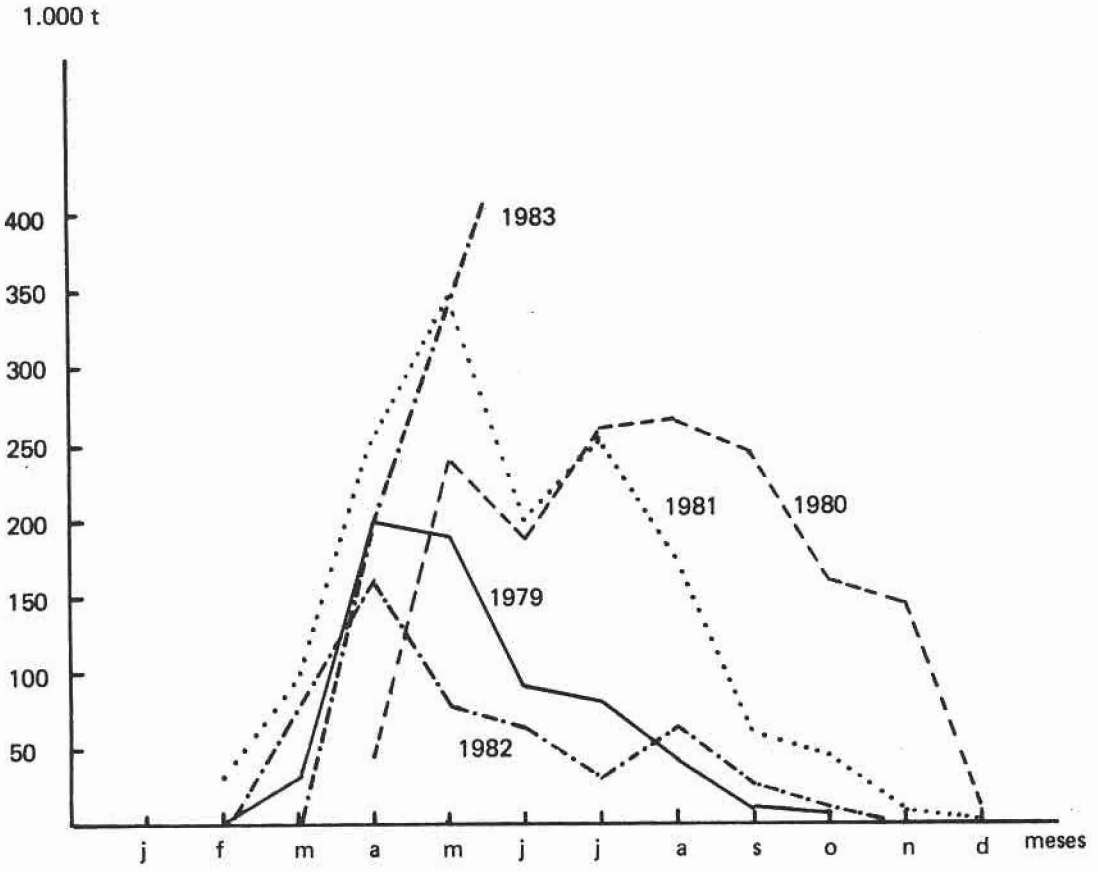
BRASIL: Exportações de Grão, Farelo e Óleo de Soja — Janeiro-Maio/1982, Janeiro-Abril/1983 e Janeiro-Maio/1983 (1.000 t)

	Janeiro-Maio 1982	Janeiro-Abril 1983	Janeiro-Maio 1983
Grão	310	198	609
Farelo	2.990	1.505	3.510
Óleo	406	256	417

FONTE: Cacex.

GRÁFICO 1

SOJA EM GRÃO: Exportações Mensais – 1979-1983 – (1.000 t)



FONTE: Cacex e *Oil World*.

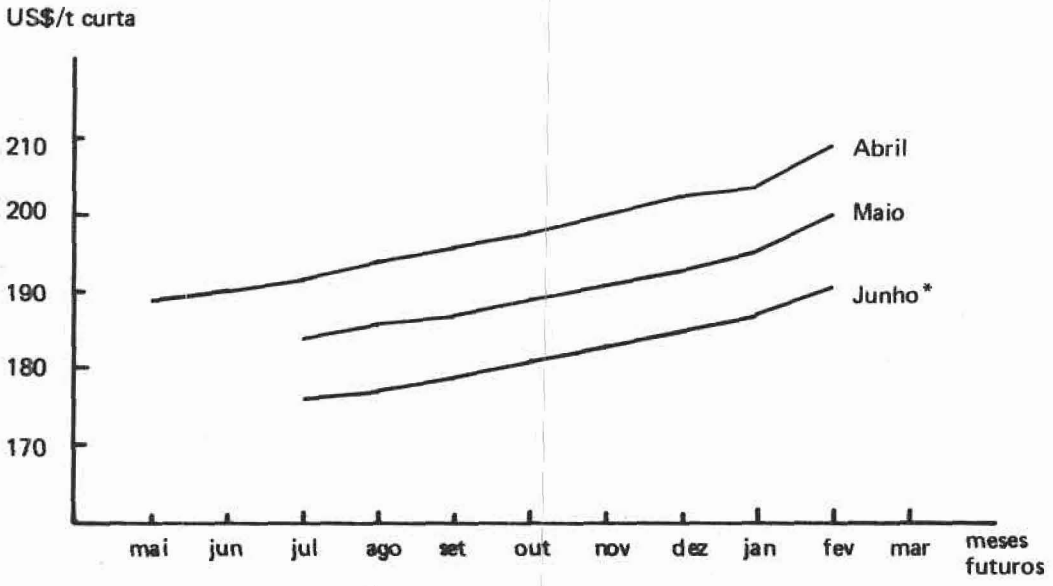
sos no plantio de algodão e milho poderão resultar em incremento da área de soja da ordem de 1 milhão de acres ou 405 mil ha. Nesse caso, a repetição da produtividade média de 1982 — 2.165 kg/ha — poderá gerar um acréscimo de quase 900 mil t sobre uma produção estimada, em 23 de junho, de 56,5 milhões de t.

Para o Brasil, com excedentes exportáveis de 1 milhão de t de grão, 7,8 milhões de t de farelo e 840 mil t de óleo, os fatores mencionados anteriormente implicam em preços menores na venda de seus produtos. Os preços futuros do farelo, em Chicago, tomados como indicador, parecem reiterar esta tendência.

Conforme se observa no Gráfico 2, estes vêm-se enfraquecendo desde abril. Os preços para entrega no segundo semestre deste ano, cotados na primeira quinzena de junho, estiveram ao redor dos US$ 180/t curta ou US$ 198/t métrica. Mesmo levando-se em conta o prêmio que normalmente é pago na aquisição do

GRÁFICO 2

FARELO DE SOJA: Preços Médios Futuros em Abril, Maio e Junho de 1983



* 1ª quinzena.
FONTE: Unicom News.

produto brasileiro, o preço médio do farelo, exportado no restante de 1983, apenas se situaria na faixa de US$ 210/t, semelhante à de 1982.

Diante disso, os acréscimos possíveis na receita de exportação serão, provavelmente, uma conseqüência do aumento da quantidade vendida e não do preço obtido. Se, a título de exercício, considerar-se que nos próximos sete meses será escoada a totalidade da safra 1982/83 (o ano comercial só termina em janeiro de 1984), seriam vendidos no exterior aproximadamente 400 mil t de grão, 4,3 milhões de t de farelo e 420 mil t de óleo. Esse volume de produtos poderia render 1,16 bilhão de dólares que somados ao 1,045 bilhão obtido no período janeiro-maio, resultariam numa receita de exportação da ordem de 2,2 bilhões de dólares, apenas ligeiramente superior aos 2,14 obtidos em 1982.

Por mais que as informações atualmente disponíveis conduzam a prognósticos de pouco crescimento da receita cambial, em 1983, cabe salientar que o Departamento de Agricultura dos EUA, muito mais do que um *mero expectador, prevê alguma recuperação* dos preços do complexo na temporada 1983/84. Se essa melhora de fato ocorrer, as exportações brasileiras poderão ainda ser beneficiadas nos últimos meses deste ano.

SUCO CÍTRICO

Maiores compras da Europa Ocidental beneficiam as exportações brasileiras

As exportações de suco concentrado de laranja que, em 1982, renderam ao país cerca de US$ 580 milhões, poderão, este ano, ultrapassar a estimativa inicial, que mantinha as vendas no mesmo nível do ano passado. Para tanto, basta que se confirmem as expectativas de vendas para os EUA, de aproximadamente 200 mil t, e que a Europa mantenha o mesmo nível de compras dos primeiros meses deste ano.

A receita auferida pelos exportadores brasileiros nos primeiros cinco meses de 1983, de US$ 263,3 milhões, embora apresente uma redução de 4% em relação a igual período de 1982, vem exibindo uma melhora, desde os primeiros meses do ano, quando a queda em relação ao mesmo período do ano passado era ainda maior. A receita do primeiro trimestre deste ano apresentou uma queda de 14,3% e a do quadrimestre terminado em abril revelava uma redução de 9,2% na entrada de divisas.

A recuperação ocorrida nas vendas externas de suco pode ser explicada pelo aumento das compras provenientes dos países da Europa Ocidental, visto que, até o final de maio, os EUA — nosso principal comprador desde 1978 — tinham praticamente paralisado suas importações. As exportações de suco que, em 1981 e 1982, foram caracterizadas por elevadas vendas no primeiro trimestre, em virtude das geadas ocorridas na Flórida, não foram beneficiadas, este ano, por mais uma quebra na produção norte-americana. A receita média mensal que, no primeiro trimestre de 1982, foi de US$ . . . . 75,9 milhões, fechou o ano em US$ . . 47,8 milhões. O arrefecimento das vendas, a partir de abril, reduziu a receita média do período abril/dezembro a apenas US$ 38,6 milhões. Vale lembrar que os EUA absorveram em 1982 aproximadamente 50% das exportações brasileiras do concentrado.

Os países da CEE, segundo principal mercado consumidor, reduziram suas compras, em virtude dos elevados estoques existentes e da valorização do dólar frente às principais moedas européias. Como o cruzeiro, além de não ter conseguido manter sua paridade com o dólar o ano passado, é desvalorizado tendo como parâmetro a evolução da moeda norte-americana, a valorização relativa do dólar acabou reduzindo a competitividade do suco brasileiro nos mercados europeus.

A recuperação da safra do estado da Flórida, cujo aumento deverá ser de 13% em relação à produção obtida em 1981/82, os baixos estoques existentes na Europa e a *maxidesvalorização do cruzeiro*, decretada em meados de fevereiro último, terminaram por inverter as posições, em 1983. Assim é que, no período janei-

QUADRO 1

SUCO CONCENTRADO DE LARANJA: Comparativo das Cotações dos Futuros na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque — Posição nos Meses de Maio de 1982 e 1983 (US¢/lb-peso)

Futuros	Maio de 1982		Maio de 1983	
	Cotação do Futuro	*Spread*	Cotação do Futuro	*Spread*
1982				
Julho	122,60	—	114,93	—
Setembro	122,10	0,9959	113,76	0,9898
Novembro	123,84	1,0142	103,90	0,9133
1983				
Janeiro	125,55	1,0138	103,76	0,9986
Março	126,96	1,0112	103,02	0,9928
Maio	128,36	1,0110	103,02	1,0000
Julho	129,74	1,0107	103,09	1,0006

FONTE: Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque, via Unicom News.

ro/maio, os principais importadores foram os países da CEE, com destaque para a Alemanha Ocidental, Holanda e Reino Unido, responsáveis por aproximadamente 95% das importações de suco da Comunidade. A Holanda passou a ser o principal importador do produto brasileiro a partir de 1975, vindo em segundo lugar a Alemanha Ocidental. De 1978 em diante, contudo, as significativas quebras ocorridas na produção norte-americana fizeram com que os EUA ocupassem a primeira posição dentre os importadores de suco do Brasil, exceção feita ao ano de 1980, quando a Holanda importou 107 mil t, contra 78,9 mil t importadas pelos EUA.

As vendas brasileiras para o mercado europeu, este ano, deverão beneficiar-se, ainda, com as significativas reduções esperadas nas produções de suco da Itália e de Israel. Desse modo, o Brasil poderá aumentar sua participação em mercados anteriormente abastecidos por esses dois concorrentes. Países como a Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha Ocidental, Holanda e Reino Unido, poderão elevar suas importações provenientes do Brasil, em decorrência das menores ofertas italiana e israelense.

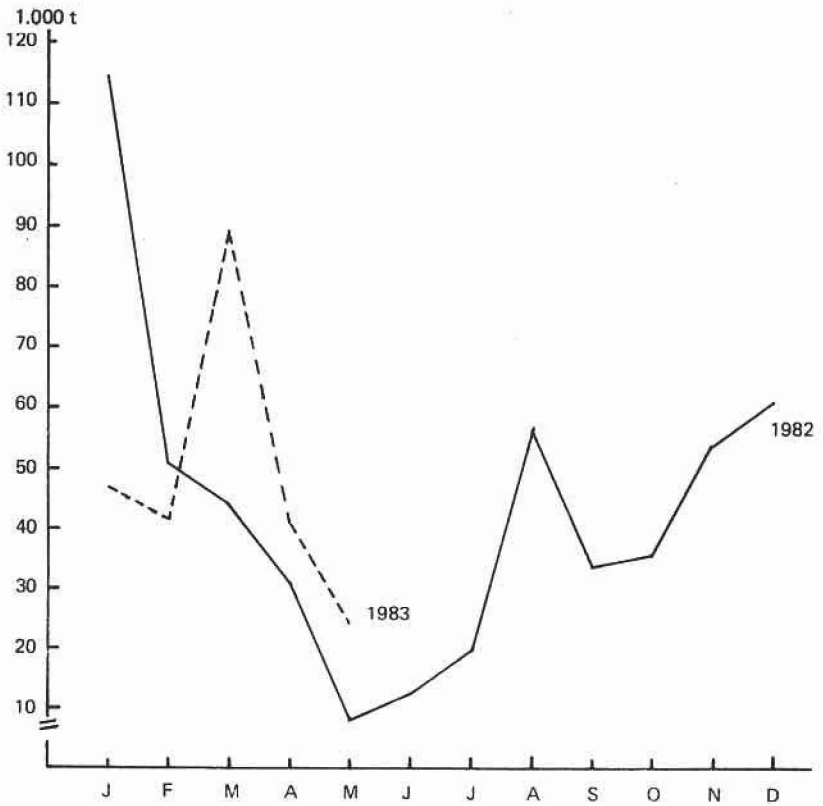
O mercado norte-americano que, em 1982, consumiu aproximadamente 660 mil t de suco concentrado, deverá importar, na temporada 1982/83 (dezembro/novembro), segundo a Associação dos Processadores da Flórida, cerca de 200 mil t do concentrado, tendo em vista que a recuperação ocorrida na produção de laranja daquele estado não será suficiente para atender à demanda interna. A produção estimada de suco em 1982/83 é de 467 mil t, 20% a mais do que

a anterior. Vale lembrar que o rendimento esperado, de 1,47 galão/caixa, deverá ser reavaliado para menos, como tem ocorrido em anos anteriores, o que, conseqüentemente, reduz o volume produzido. O consumo estimado pelo mesmo órgão é de 680 mil t para 1982/83, ou seja, 3% superior ao da temporada 1981/82. O término da moagem da safra norte-americana e os reduzidos estoques existentes deverão forçar os EUA a iniciarem volumosas importações, a partir do segundo semestre. O estoque inicial estimado para a atual temporada é o mais baixo, desde o início da década de 70. A projeção do estoque final segue a mesma linha, o menor desde 1970/71, em razão da significativa recuperação esperada para a safra 1983/84.

No que tange à produção interna, a safra paulista, reavaliada pelo IEA, em junho, para 181 milhões de caixas, deverá produzir cerca de 450

GRÁFICO 1

SUCO CONCENTRADO DE LARANJA: Volume Exportado Mensalmente – 1982/83 – (1.000 t)



FONTE: Cacex.

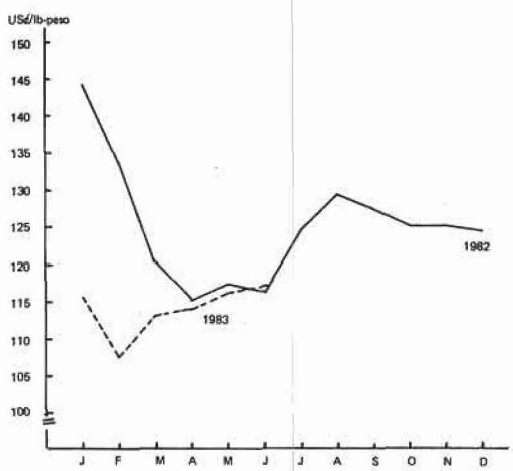
mil t de suco (moagem de 130 milhões de caixas), o que resultará numa oferta de 550 mil t, quando somado o estoque remanescente da safra 1982/83, estimado em 100 mil t. Para a temporada 1983/84, estima-se que as exportações se situem em 450 mil t, o que manteria o mesmo nível dos estoques da temporada 1982/83.

A moagem de 130 milhões de caixas para a fabricação de suco, destinando-se uma parte da safra para a produção exclusiva de *pellets*, poderá ser ainda reavaliada, de acordo com a próxima performance das exportações, visto que, caso os EUA entrem no mercado ativamente no segundo semestre, as exportações este ano poderão até ultrapassar as de 1982, quando os mercados da Europa pouco compraram.

As negociações de preço entre a indústria e os produtores continuam. Na tentativa de se alcançar um consenso o mais breve possível, a Cacex prometeu reduzir de 20% para 5% o Imposto de Exportação. Vale lembrar que a resolução 837 do Banco Central reduz de 20% para 16,49% a alíquota do Imposto de Exportação incidente sobre o suco. Os embarques do produto destinado aos EUA deverão pagar um imposto adicional de 3,51% (resolução 838 do Banco Central) como forma de evitar sobretaxas no mercado daquele país. A última reunião entre produtores, indústria e Cacex, após mais de doze horas de discussões intensas, terminou sem que os participantes se preocupassem, sequer, em marcar uma nova reunião. Ao que tudo indica, é chegada a hora de se encontrar um sistema capaz de garantir às partes a distribuição equitativa de lucros ou de prejuízos futuros, sem o que, a cada ano, torna-se mais difícil a negociação do preço.

GRÁFICO 2

SUCO CONCENTRADO DE LARANJA: Cotações Médias Mensais do Primeiro Futuro na Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque – 1982/83
(US¢/lb-peso de sólido solúvel)



FONTE: Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque, via Unicom News.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês anterior ao da capa da revista)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Comportamento dos Futuros
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros	Tendência	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	6,85	10,80	10,79	10,98	J A S O N D J F M A M J: 10,96 — 11,28 — 11,57 — 12,11 — 12,47 — 12,66	➡	Vendas volumosas da Índia contrabalançam efeitos da última estimativa de *Gill and Duffus* para a safra 1983/84, que deverá ter um déficit de 500 mil toneladas.
ALGODÃO 1-1/16" M-Memphis MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	61,35	70,97	72,25	71,38	77,63 — 78,49 — 79,46 — 80,59 — 80,86	➡	Última projeção do USDA revela uma produção mundial de 65,9 milhões de fardos e um estoque final de 24,5 milhões, para a safra 1983/84.
CACAU BAHIA MERC.–N.Y. US$/tonelada Fonte: Unicom	1408,86	2152,00	2201,00	2147,00	2152,00 — 2203,00 — 2238,00 — 2259,00 — 2274,00	➡	Operações de venda, para realização de lucro, deverão aumentar nas primeiras semanas do mês.
CAFÉ SANTOS MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	138,04	126,00	124,55	124,58	126,00 — 126,29 — 125,82 — 124,22 — 122,72	➡	– O aumento da previsão do USDA sobre a produção mundial de 1983/84 não teve impacto sobre o mercado. – Mercado sustentado pelo inverno do Hemisfério Sul.

NOTA: Spot de Cacau e Café suspenso. As posições da Última Semana, Última Quinzena e do Mês Anterior referem-se a futuro 1ª entrega.

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	Tendência	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	272,78	330,27	332,03	335,25	311,41		293,64			278,63			285,98		292,85			Ausência de chuvas no Cinturão do Milho norte-americano poderá afetar o rendimento da safra deste ano.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	626,64	607,72	603,25	593,75	602,26	607,86	612,42		622,03		633,22		645,01		654,35			O USDA reduziu sua estimativa da produção norte-americana em 2,3 milhões de t para 54,2 milhões de t, volume 13% menor do que a última safra.
SOJA FARELO MERC.–CHIC. US$/tonelada Fonte: Unicom	183,52	175,58	176,57	175,25	174,62	176,23	177,43	178,69		183,07	185,15		188,91					Segundo *Oil World*, a tendência ao declínio no consumo de farelos na Europa Ocidental deverá sofrer uma reversão no próximo trimestre.
TRIGO SOFT RED MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	334,05	357,59	363,33	364,06	346,88		357,56			371,74			380,56		382,05			A produção dos EUA de 1983/84 deverá ser 11% menor do que o estimado em 23 de junho pelo USDA.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais referentes ao mês anterior ao da capa da revista)
1 – Posição da última semana do mês
2 – Posição da última quinzena do mês
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	7324,19	11619,05	12000,00	12000,00		Perspectiva de importações mantem estáveis os preços. Produção nordestina deverá ser inferior à esperada devido a seca.
ARROZ Amarelão - Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	10292,19	12659,52	14027,78	14250,00		Safra reduzida a algo em torno de 7,9 milhões de t.
CAFÉ Tipo 7/8 MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	37528,74	33547,62	33422,22	32602,50		Volumes mais significativos da nova safra começam a chegar aos armazéns.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA-SP	6754,87	7295,45	7722,22	8000,00		– Entrada da entressafra. – Aumento dos preços dos animais de reposição. – Aumento das exportações de carne bovina. – Indefinição quanto ao plano de estocagem de entressafra.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.

NOTA: Cotações de Algodão correspondem a 1º Futuro.

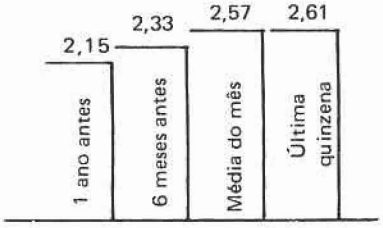
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza sujetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Carioquinha Especial MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	10354,64	17928,57	18944,44	18500,00		As cheias no Sul são a mais nova dificuldade no abastecimento do produto.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	207,96	286,31	272,50	263,13		Perspectivas de aumento da cotação da arroba do boi gordo favorecem a elevação do preço da ave.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	2424,75	3342,86	3500,00	3500,00		Novas perdas com as recentes chuvas na região sul.
SOJA - GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	5796,82	5702,38	5861,11	5950,00		Novos problemas climáticos no Sul e o fortalecimento das cotações externas deverão manter os preços em ascensão.

Corrigidos pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.

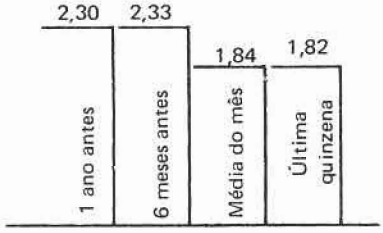
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

Algodão / Soja



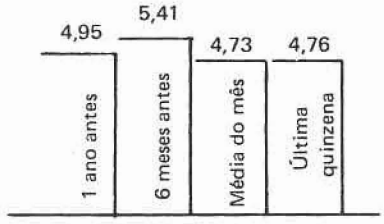
O leve aumento do preço do algodão e a queda muito moderada do preço da soja, na última quinzena, em relação aos preços médios do mês, levaram a que o mais recente preço relativo algodão/soja se mantivesse próximo ao anterior. No caso da fibra, o mercado continua bastante calmo pois, à perspectiva de menor produção mundial, contrapõe-se o fato de os estoques do produto, nos EUA, serem elevados o bastante para sustarem uma tendência altista mais acentuada dos preços desse produto.

Soja / Milho



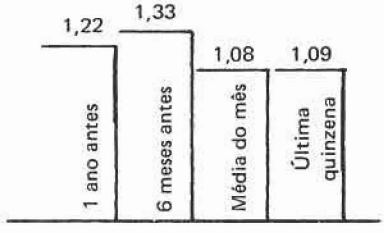
Da mesma forma, o preço relativo soja/milho da última quinzena manteve-se praticamente inalterado em relação ao precedente. Isto porque, se o preço do milho manteve-se estável no período, o da soja registrou perda inferior a 1%, em conseqüência do fraco desempenho da demanda por este grão na presente temporada.

Algodão / Milho



A estabilidade recentemente observada nas cotações do milho deveu-se ao fato de o mercado estar em compasso de espera, à medida em que se desenvolviam as conversações entre os EUA e a URSS, a respeito da renovação do acordo bilateral de fornecimento de grãos. A contraposição deste fato à leve alta registrada no preço do algodão, na última quinzena, fez com que o preço relativo algodão/milho da quinzena apresentasse valor um pouco superior ao da média do mês.

Trigo / Milho

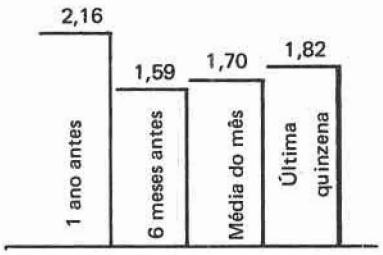


O aumento de 1,1% apresentado pelo preço do trigo na última quinzena deu-se em decorrência da estimativa do USDA de que a produção mundial do produto, este ano, virá a ser 2% inferior à previsão anterior. Por este motivo, o preço relativo trigo/milho da quinzena apresentou valor um pouco maior do que o da média do mês, e inferior ao de um ano antes.

FONTES: Algodão: Unicom, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Unicom, Commodity Year Book.

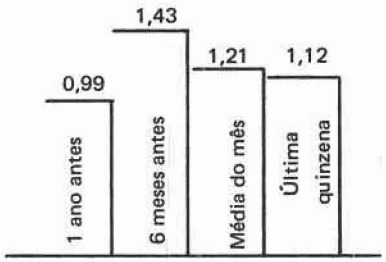
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

Boi Gordo
Frango Vivo



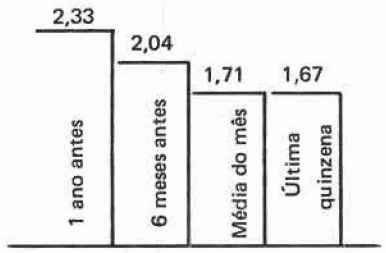
O crescimento de 1,45% havido na produção de pintos de corte, em maio último, levou a que o preço do frango vivo caísse, na última quinzena do mês de junho, em relação ao preço médio do mês. A contraposição deste fato à elevação verificada no preço do boi gordo no período, levou a que o preço relativo boi gordo/frango vivo da última quinzena apresentasse uma alta em comparação com o preço relativo médio do mês. Há um ano, o mercado sinalizava muito mais favoravelmente à carne avícola, cujo preço era inferior ao da carne bovina em mais de 50%.

Frango Vivo
Ração Ave Corte



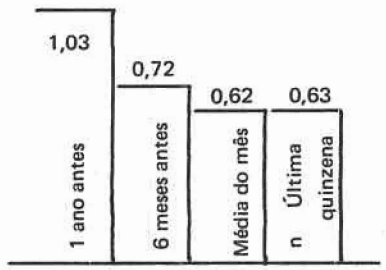
A margem de lucro dos avicultores viu-se, na última quinzena, pressionada pelo aumento do preço da ração para aves de corte, ocasionado pela elevação do preço tanto da soja quanto do milho. Voltou, assim, o preço relativo frango vivo/ração a aproximar-se da unidade, numa situação muito diferente daquela que se apresentava há seis meses.

Soja
Milho



As notícias de quebra de safra, tanto da soja quanto do milho, causadas pelas chuvas que atingiram duramente o Sul do Brasil no primeiro semestre deste ano, responsabilizam-se pelos ganhos observados nos preços destes dois grãos, durante a última quinzena. Visto esta perda ter sido maior no cultivo do milho, o preço deste cereal assumiu tendência altista mais forte do que aquela apresentada pela soja, alcançando patamar, na última quinzena, 4,7% superior ao da média do mês. Por este motivo, o preço relativo soja/milho da quinzena apresentou queda em relação ao antecedente, assumindo valor menor do que aqueles apresentados há um ano e há seis meses.

Feijão Preto
Feijão Carioquinha



As grandes perdas havidas nas safras de feijão, tanto das águas quanto da seca, este ano, levaram a uma significativa elevação dos preços das diversas variedades desta leguminosa. Durante a última quinzena do mês em questão, a variedade carioquinha valorizou-se 3,7% em relação ao preço médio do mês, enquanto que o aumento do preço do feijão preto situou-se em 4,9%. Daí, a ligeira elevação observada no preço relativo da quinzena em comparação com a média do mês.

FONTES: Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA. Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

Impresso na

COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ARTES
GRAFICAS
RUA RIACHUELO ,128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 - Caixa Postal 9052 - ZC 02
Tel.: 551-1542
CEP 22.250 - Rio de Janeiro - RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR:
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Aldo Batista Franco, Eugênio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, Manoel Fernando Thompson Motta, Manoel Pio Corrêa Jr. e Octávio Gouvêa de Bulhões. Membros Suplentes: Carlos Alberto Pires de Carvalho Albuquerque, Luiz Fernando da Silva Pinto e Renato Corrêa Paes.

CONSELHO CURADOR:
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antonio Garcia de Miranda Neto, Antonio Ribeiro França Filho, Celso Timponi, Cezar Reis Cantanhede e Almeida, Domingos Marques Grello, Edmundo Penna Barbosa da Silva, Estado de Minas Gerais, Estado de São Paulo, Geraldo Wilson Nunan, Glycon de Paiva, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, Mário Abrantes da Silva Pinto, Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rubens D'Almada Horta Pôrto, Salles/Interamericana de Publicidade S.A. e Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA:
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Angelo Jorge de Souza, Eugênio Gudin, Janes Angelo de Souza e Julian Magalhães Chacel.

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional: Luiz Aranha Corrêa do Lago
Grupo de Gerência e Economia da Informação: Moacyr Antonio Fioravante

Divisão de Contabilidade Social
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira
Grupo de Análise Contábil: Sebastião Marcos Vital

Divisão de Estatística e Econometria
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Marcos Ferreira de Souza
Centro de Processamento de Dados: Eugênio Decourt
Grupo Especial de Consumo: Roberto Maia de Camargo Abib

CORRESPONDÊNCIA
RECEBIDA
04 AGO 1983
S. Cm. N.o

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Caixa Postal 9052
20.000 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL